

A INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM NA VISÃO DOS ALUNOS DO 2º ANO DE PEDAGOGIA DA UEMS

Nilma Maria Nogueira (G - UEMS)
Milka Helena Carrilho Slavez (UEMS)

Resumo: O presente trabalho é o resultado de um estudo feito pelos acadêmicos do 2º ano de Pedagogia na disciplina Psicologia da Educação II. A análise do conteúdo se baseou em pesquisas em livros e entrevista com psicólogo. Obtivemos como resposta que a motivação interfere muito na aprendizagem, pois é a base de tudo, sem motivação não há aprendizagem.

Palavras-chave: Motivação. Aprendizagem. Incentivo.

Abstract: The present work is the result of a study made for the academics of 2^a year in disciplines Psychology of Education II. The analysis of the content if based on research in books and interview with psychologist. We got as reply that the motivation intervenes very with the learning, therefore is the base of everything, without motivation does not have learning.

Key-words: Motivate. Apprenticeship. Incentive.

INTRODUÇÃO

O levantamento desta pesquisa teve como ponto chave, uma discussão feita na sala de aula juntamente com a professora de Psicologia da Educação II, Milka Helena Carrilho Slavez sobre a interferência da motivação na aprendizagem, sendo que a professora e os acadêmicos levantaram várias hipóteses. A partir dessas hipóteses, foi feita uma análise para verificar até que ponto a motivação interfere no ensino-aprendizagem. Com a análise foi realizado um questionamento para ser pesquisado, discutido e esclarecido com psicólogos, livros (Motivação da Aprendizagem e Psicologia: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia) e Internet.

Após ter realizado a pesquisa e obtido as respostas, foi possível verificar que o professor pode motivar os seus alunos, mas para que esta motivação ocorra, não dependerá só dele, o aluno terá que contribuir, ou seja, sentir necessidade de aprender, assim ele será motivado de forma intrínseca, nesse caso o incentivo será despertado diante de uma novidade que os deixarão curiosos, levando-os a uma investigação, assim os alunos estarão construindo o seu próprio conhecimento. Se eles forem motivados extrinsecamente, não construirão nenhum conhecimento, apenas estarão recebendo novas informações.

A intenção de ter realizado este trabalho, foi esclarecer as dúvidas dos acadêmicos (as) sobre a interferência da motivação para a aprendizagem, a qual servirá como subsídio aos futuros educadores que logo estarão atuando, pois é de extrema importância um professor ingressar na sala de aula tendo uma visão ampla sobre motivação na aprendizagem, para estar levando os seus alunos a se interessarem pelo aprendizado. Pois a motivação é a base tudo dentro da sala de aula, caso contrário não ocorrerá a aprendizagem.

O ponto de partida de nossa pesquisa foi o questionamento: Até que ponto a motivação interfere na aprendizagem? Para buscarmos resposta realizamos pesquisas na Internet, em livros e fizemos entrevistas.

Nossa investigação levou-nos a entender que a motivação interfere muito na aprendizagem, é a base de tudo. Só haverá aprendizagem sem a interferência da motivação se for de forma mecânica, ou seja, fazer um depósito de novas informações no aluno, antes que ele tenha formado uma associação de conceitos existente na estrutura cognitiva.

Entrevistamos a psicóloga Lucélia M. Brandão Garbelini, de acordo com seu ponto de vista “a auto-estima mantém uma pequena relação com a motivação. Para que isso aconteça, o professor deverá desenvolver um vínculo afetivo com seus alunos. A partir daí a aprendizagem, a motivação e a disciplina poderão ser utilizadas como ponto-chave para obter o auto-controle da criança e seu bem-estar que conseguirá conquistas significativas”.

Para motivar o ensino-aprendizagem, o professor deverá criar condições para que o aluno desperte interesse pelo aprendizado, ou seja, apresentar incentivos que despertem no educando certos motivos que levarão ao aprendizado. “Os motivos são uma força interna que está dentro de cada um de nós, só que adormecidos pertence a nossa personalidade”. (BARROS, 1995, p. 112)

Para despertar esse motivo necessitamos de um incentivo que é uma força externa que nos levará a despertar os motivos. Esse motivo que vem de dentro para fora, recebe o nome de motivação intrínseca (interna). Nesse caso a aprendizagem se dá quando os alunos são colocados diante de problemas reais, os motivos surgirão de si, os quais vão despertar interesse e curiosidade para levá-los a observar ou investigar porque determinadas coisas agem e são de tal forma.

Numa perspectiva comportamentalista há professores que procuram incentivar seus alunos por meio de notas, prêmios, censura, elogios, etc para estarem motivando-os a estudarem. Esse tipo de motivação recebe o nome de motivação extrínseca (externa) que é aquela que vem em consequência da atividade aplicada ao aluno. O professor tem que estar motivando a criança, ao usar esse tipo de incentivo o professor precisa tomar cuidado, pois de acordo com a psicóloga Lucélia M. Brandão Garbelini “nem o elogio nem a censura podem ser explorados de forma acentuada; o ideal é manter o equilíbrio. O excesso de censura desmotiva, mas por outro lado, o excesso de elogio soa falso, mecânico. Porém, sem dúvida o elogio é mais positivo”.

Barros (1995) utilizou um experimento realizado com o professor Clarence J. Leuba sobre o efeito da recompensa. Neste experimento o professor prometeu uma barra de chocolate que deu ótimo resultado em uma sala de 5º grau. A sala de aula foi dividida em dois grupos, colocando-os em sala separada. O primeiro grupo recebeu o nome de grupo experimental (GE), o segundo foi batizado por grupo de controle (GC).

Barros afirma que:

Durante uma semana, Leuba deu exercícios de multiplicação a todos os alunos, sem prometer recompensa alguma, e notou o desempenho diário de cada aluno. No fim da semana, prometeu uma barra de chocolate ao grupo experimental, isto é, para aquele aluno que apresentasse algum progresso em comparação com os dias anteriores. Ao comparar os resultados dos dias anteriores com os desse dia e fazendo a mesma comparação com os resultados obtidos pelo grupo de controle, Leuba concluiu que o incentivo aplicado ao grupo experimental fora eficiente. (1995, p. 111).

Segundo Barros (1995), a Doutora Elizabeth Hurloc utilizou um experimento para demonstrar que o efeito do elogio e da censura afetam a aprendizagem. Ela formou quatro grupos de crianças com a mesma habilidade em matemática.

Veja o que aconteceu com cada grupo:

Um grupo foi elogiado todos os dias diante da classe por desempenhar um excelente trabalho. O segundo grupo foi sempre censurado por seu mau desempenho. O terceiro grupo sempre ignorado, embora ouvisse os elogios e as censuras dirigidas aos outros

grupos. Em outra sala o quarto grupo trabalha sem nada saber do que acontecia com os colegas. Logo os resultados apareceram: o grupo elogiado e o censurado logo melhoraram. O grupo ignorado melhorou, embora menos que os dois primeiros. Continuando o experimento, a doutora Hurlock notou que o grupo censurado e o tratado com indiferença apresentaram piores resultados. O quarto grupo, trabalhado isolado servia apenas para comparação ou “controle”. A doutora Hurlock concluiu que o elogio e a censura motivaram igualmente. Em um período mais longo, o elogio trouxe melhores resultados. (BARROS, 1995, p. 113).

Este experimento demonstrou que a psicóloga Lucélia M. Brandão Garbelini, a qual foi entrevistada pela acadêmica do 2ª série de pedagogia da UEMS e a doutora Elizabeth Hurlock obtiveram a mesma conclusão a respeito do efeito do elogio.

Cabe então ao educador estimular sempre o seu aluno para que desperte o interesse pela aprendizagem.

2. A AÇÃO DOS PROFESSORES NA MOTIVAÇÃO DE SEUS ALUNOS

O professor ao fazer o reconhecimento do êxito de um aluno ou grupo de alunos de uma tarefa executada pelos mesmos, estará levando-os a motivação, ou seja, quando estes atingirem um determinado objetivo.

Os progressos dos educandos deverão ser registrados para estar aumentando a motivação intrínseca. As atividades devem graduar de tal forma, que a partir das mais fáceis o aluno, vá obtendo êxitos sucessivos.

A elaboração significativa das tarefas escolares gera motivação intrínseca. Não acontece o mesmo com as tarefas repetitivas ou fora de contexto. Isto demonstra que a aprendizagem só tem significado quando tem sentido para o aluno, coisa que não acontece com a aprendizagem mecânica.

Sem dúvida o professor que dá autonomia no trabalho promoverá a motivação de sucesso e a auto-estima, mas para isso o professor deve mostrar interesse por cada aluno: pelos seus êxitos, pelas suas dificuldades, pelos seus planos, mas tem que ser de maneira que o aluno perceba.

Ao aplicar um conteúdo, o professor deve comentar os objetivos que se pretende alcançar em cada unidade didática. O material didático a ser utilizado deve ser adequado, caso contrário leva a desmotivação.

O professor deve comunicar aos alunos os resultados dos seus trabalhos e provas o mais rápido possível. Os alunos ao terem conhecimento dos resultados obterão mais rapidez e maior exatidão. Os conteúdos que envolvem a participação dos alunos são mais motivantes do que aquelas em que o educando só ouve e não tem o direito de opinar, nesse caso ele é um aluno passivo. O resultado se torna atraente quando o aluno descobre verdades científicas, e quando as tarefas são realizadas sem constrangimento. Envolver o aluno numa determinada tarefa de trabalho sem dúvida é uma técnica para estar despertando o seu interesse pelo aprendizado. Caso contrário estará ocorrendo a desmotivação.

3. AS POSSÍVEIS CAUSAS DA DESMOTIVAÇÃO

A maneira de o professor aplicar o conteúdo leva o aluno a desmotivação. Um professor tem que ter firmeza em suas palavras mostrar-se seguro e apresentar conteúdo adequado à realidade de seus alunos.

O professor não pode ser do tipo muito liberal, isto é, desviar da disciplina e ficar falando de outros assuntos que não tem nada a ver com o conteúdo a ser ministrado, isso leva a desmotivação. Por outro lado o professor que é centrado no controle leva os alunos a

diminuírem a motivação. Tem que saber manter um certo equilíbrio entre ser liberal e ser excessivamente controlador.

Dentro da sala de aula o educador precisa evitar ficar repreendendo determinados alunos na frente dos colegas, muito menos fazer comparações ridículas.

Aplicar tarefas em demasia desmotiva o aluno. As tarefas a serem aplicadas têm que ser criativas não podem ser repetitivas e nem muito fáceis de modo que não gera desafio, o aluno acaba perdendo o interesse e não fica a fim. “A maior preocupação do ensino nos dias de hoje tem sido de criar condições para que os alunos fiquem “a fim” de aprender” [...]. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2001, p. 121).

O nível de estimulação dos alunos tem que ser adequado. Se a estimulação for muito reduzida não se produzem mudanças. Se for excessiva, costuma produzir ansiedade e frustração. Quando um motivo é frustrado pode provocar formas indesejáveis de comportamento.

Quando o indivíduo estiver motivado para atingir um determinado objetivo, e por um obstáculo qualquer não o conseguir atingir, viverá um estado de frustração. Este sentimento dependerá de vários fatores tais como: personalidade do sujeito, idade, natureza da motivação e tipo de obstáculo. Não existe um tipo de reação para determinada frustração, dependerá dos fatores citados acima.

Os indivíduos frustrados poderão apresentar comportamento de agressão e apatia. A agressão poderá ser direta ou deslocada, será direta quando for dirigida contra a fonte que provocou a frustração. Exemplo: Uma criança agride a mãe por ser impedida de brincar. No caso da agressão deslocada, o indivíduo se dirige para outras pessoas ou objetos. Exemplo: Uma criança que é proibida de brincar destruirá os brinquedos que a mãe a impedirá de brincar.

No decorrer do processo de socialização, o indivíduo aprenderá a enfrentar as frustrações, inibindo-as, deslocando-as, dissimulando-as, ou seja, compensando as suas manifestações de agressividade. Em algumas situações o indivíduo poderá conduzir suas manifestações de agressividade deslocada para ele próprio, neste caso trata-se de auto-agressão.

O aluno poderá cair na reação apática (indiferença ou inatividade), isto é indiferença perante a fonte da frustração, em outras palavras a pulsação motivadora do comportamento será reduzida ou eliminada. Segundo Barros (1995, p. 111-112):

Tâmara Dembo, discípula de Kurt Lewin, fez um estudo experimental sobre a frustração em crianças. Observou, no comportamento das crianças frustradas, o fenômeno chamado “regressão”, isto é, o comportamento não correspondia a idade, mas apresentava características de idades inferiores. As crianças de uma escola maternal foram observadas individualmente enquanto brincava com um telefone de brinquedo, agiam como adultos telefonando: discavam, colocavam o fone no ouvido, falavam ‘desligavam’, etc. Em seguida foram frustradas pela observadora que lhe tomou o aparelho e o devolveu logo depois. A maioria das crianças apresentaram regressão no comportamento com o “telefoninho”. Levaram-no na boca, sugando-o, arrastando-o no chão, puxando-o pelo fio, enfim, brincaram como crianças mais novas.

A pesquisadora ao tomar o telefoninho das crianças da escola maternal, deixou-as decepcionadas, isto é, frustradas. Nesse caso podemos notar que houve a regressão, ou seja, um retrocesso devido a frustração. A observadora desmotivou a brincadeira das crianças, interrompendo um momento de alegria, por isso a maioria agiu ao contrário, passou a brincar como crianças mais novas.

Para ocorrer a aprendizagem, o educador deve motivar o aluno, mas para isso é necessário que o educando sinta necessidade de aprender.

4. A RELAÇÃO ENTRE NECESSIDADE E MOTIVAÇÃO

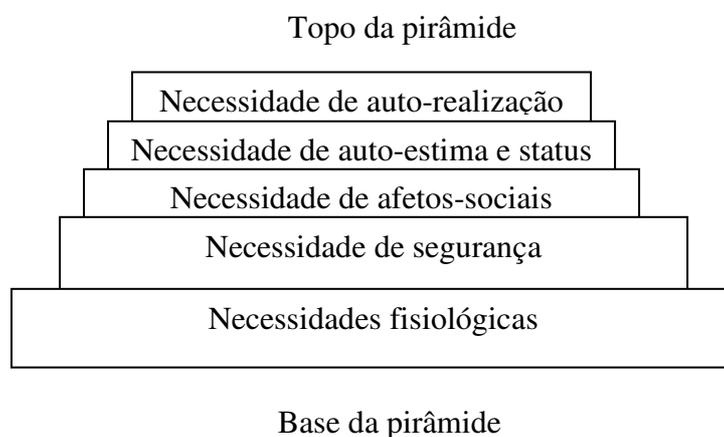
É a partir da necessidade que vem a motivação. Não vai adiantar tentar motivar um aluno se ele estiver decidido que não vai mais estudar, por mais que os pais ou professores esforcem, nada irá motivá-lo. Nesse caso o aluno só será motivado a estudar quando sentir a necessidade de auto-realização, ou seja, sentir o desejo de crescer na vida, ser um grande profissional.

De acordo com a teoria de acordo com a Hierarquia das necessidades (MASLOW, 1970 apud SERRANO, 2003) as necessidades mais básicas devem ser satisfeitas primeiramente para que depois as demais possam surgir e serem por sua vez, satisfeitas também. Isto quer dizer que os motivos superiores surgem somente após satisfação de todos os motivos básicos.

Para Maslow (1970) o comportamento motivacional, é explicado pelas necessidades dos seres humanos. Podemos concluir então que a motivação é o resultado dos incentivos que age com uma certa força sobre os indivíduos, fazendo-os agir. Para que tenha ação é necessário que um estímulo seja implementado para surgir a partir de coisas externas ou até mesmo provenientes do próprio organismo.

A teoria de Maslow (1970) é considerada como uma das mais importantes dentro da teoria da motivação. De acordo com Maslow as necessidades humanas obedecem a uma hierarquia, ou seja, uma escala de valores a serem transpostas. Assim que o indivíduo realiza uma necessidade surgem outras em seu lugar, exigindo sempre que busque outro meio para satisfazê-la. Nenhum indivíduo buscará reconhecimento pessoal e status, sem antes satisfazer as necessidades mais básicas.

Segundo Maslow (1970) os motivos do comportamento humano estão classificados, seguindo a estrutura de uma pirâmide:



Baseando-se na teoria de Maslow (1970) classificamos os motivos abaixo de acordo com as necessidades que os alunos precisam dispor na sala de aula para estarem se auto-realizando:

- **As necessidades fisiológicas** - é a mais básica, trata-se da parte física de nosso corpo, sustenta o organismo. Ex.: comida, abrigo, etc. Um aluno mal alimentado e sem moradia não terá condições de aprender. Enquanto essas necessidades estiverem insatisfeitas, as outras necessidades não poderão motivar o aluno.
- **Necessidade de segurança** - o aluno terá que se sentir seguro em um ambiente de otimismo livre de qualquer perigo ou perda de qualquer coisa (os pais separarem ou falecer). O aluno passará por dificuldades na aprendizagem. Terá que solucionar este problema para obter um bom desempenho.

- **Necessidades de afetos sociais** – é o desejo que temos da aprovação social, no caso dos alunos é de ser aceito pelos professores, colegas de sala sem ser discriminado, enfim evitar todos os tipos de reprovações.
- **Necessidade de auto-estima** – é o desejo que leva o aluno sentir necessidade de ser estimado, de ser respeitado como pessoa e acima de tudo ser prestigiado.
- **Necessidade de auto-realização** – é a mais alta necessidade na hierarquia de Maslow. É o desejo de alcançar um objetivo, no caso do aluno, estudar para chegar a faculdade e tornar-se um grande profissional para conseguir tudo que for possível.

Conforme observemos a pirâmide vemos que o comportamento humano depende de vários incentivos para se manter, ou seja, precisa satisfazer as necessidades que seguem numa determinada seqüência, uma depende da outra.

No entanto para que o aluno tenha uma boa aprendizagem, é necessário que ele satisfaça todas as suas necessidades para se auto-realizar.

5. AOS FUTUROS PEDAGOGOS

A psicóloga Lucélia M. Brandão Garbelini deixou uma mensagem aos futuros professores durante a entrevista.

O primeiro passo a ser tomado é fazer com que a criança sinta-se amada para sentir-se valorizada e respeitada, assim adquirirá autonomia, e confiança com isso aprenderá amar, e a desenvolver um sentimento de auto-valorização e importância. A auto-estima é uma coisa que se aprende. Se uma criança tem opinião positiva sobre si mesma e sobre os outros, terá condições de aprender. Cabe-nos ajudá-las a acreditar em si mesma. 'O que a criança pensa de si mesma é mais importante do que ela sabe'.

A intenção de pedir esta mensagem a Psicóloga Lucélia M. Brandão Garbelini, foi deixar um incentivo e uma orientação aos futuros professores do curso de Pedagogia da UEMS e demais pedagogos para que os mesmos possam estar sempre motivando os seus alunos e a si mesmo, pois é de fundamental importância o professor se sentir motivado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, foi possível analisar que o primeiro passo a ser dado para estar motivando os alunos a aprenderem, é despertar neles o incentivo que fica adormecido no interior de cada educando. Esse incentivo faz parte da personalidade de cada indivíduo dentro da sala de aula.

Para que este incentivo nasça, os professores usam vários métodos como elogio, censura, notas, prêmios, etc., para fazer com o aluno esforce durante a realização dos trabalhos em sala de aula ou nas tarefas. Neste caso o professor estará motivado o aluno extrinsecamente, ou seja, não passará de uma atenção momentânea forçada pelos professores da perspectiva comportamentalista. Ao usar este incentivo os alunos não construirão nenhum conhecimento.

Nos dias de hoje recomenda-se que o professor transforme o trabalho escolar em incentivo, despertando, nos alunos, certos motivos, tais como: o desejo de adquirir novas experiência, que leve-os a construir seu próprio conhecimento, neste caso o aluno estará aprendendo a aprender. Isto enriquece a alma do aluno, é muito gratificante quando um aluno aprende ou descobre uma coisa nova que vem de si mesmo, ele se sentirá maravilhado e até

mesmo alguém importante com a sua descoberta e fará questão de comunicar a todos o resultado do que ele aprendeu.

Quando um aluno sentir-se incapaz de satisfazer um motivo, ele se sentirá frustrado. E por esta razão o mesmo será desmotivado. Um aluno frustrado tornará agressivo tanto com os professores, quanto com os colegas. Para que isso não ocorra o professor deve fazer com que o aluno sinta-se apoiado em um ambiente de otimismo, assim ele perceberá que está sendo respeitado como pessoa capaz de orientar a sua própria ação e não como um adulto em miniatura.

REFERÊNCIAS

- BARROS, C. S. G. **Motivação da aprendizagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BOCK, A., M., B., FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao Estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- GARBELINI, L. M. B. **Motivação na aprendizagem**. Entrevistador: Nilma Maria Nogueira. Paranaíba-MS: UEMS, 2005. Entrevista concedida com fim de aproveitamento em trabalho didático.
- SERRANO, D. P. **A teoria de Abraham Maslow: hierarquia das necessidades**. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.com.br/artigos/maslow.htm>> Acesso em: 04 ago. 2003.